

## A POESIA SINTÉTICA DE HELENA KOLODY

ANTONIO DONIZETI DA CRUZ\*

Helena Kolody, poeta paranaense, nasceu a 12 de outubro de 1912, em Cruz Machado, PR. Filha primogênita de Miguel e Victória Kolody, valorosos imigrantes ucranianos que se conheceram no Paraná.

Helena tem dedicado sua vida ao magistério e à poesia. Ela tem contribuído de forma expressiva para o enriquecimento da cultura paranaense. Na qualidade de professora e inspetora de ensino, para o engrandecimento da Educação no Estado. Como poeta, pela sua voz lírica de peculiar originalidade, solidificada pela sua presença marcante na literatura paranaense. A poeta reside em Curitiba.

A obra poética kolodyana e a crítica literária referente a sua obra são significativas. Helena tem publicado doze livros de poesia e nove antologias e obras completas. Desde *Paisagem interior* (1941), livro que marca sua estréia no cenário literário, até *Reika* (1993), a autora evoluiu e consolidou o domínio dos recursos formais da arte poética, conseguindo em suas obras uma síntese relevante, no que se refere ao fazer poemático. Ela tem recebido elogios e incentivos de escritores como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski, Rodrigo Júnior, Andrade Muricy, Roberto Gomes, entre outros.

Em junho de 1993, Helena Kolody foi homenageada com a outorga do nome haicaísta *Reika*, pela comunidade nipo-brasileira de Curitiba, em comemoração aos 300 de Curitiba e 85 anos de imigração japonesa. Essa homenagem é um reconhecimento à poeta pela sua dedicação e divulgação da poesia japonesa, o haikai. Segundo Reinoldo Atem, os haicais "Prisão", Arco-íris" e "Felicidade", de metrificação correta, que aparecem na primeira obra da autora, *Paisagem interior* (1941), "são os primeiros publicados no Paraná e demonstram sua tendência permanente e contínua para a brevidade reflexiva" (Atem, 1990:159).

O nome *Reika* é composto por dois ideogramas específicos Rei e Ka. Nome poético ou haicaísta, podendo ser traduzido como "Perfume da literatura", "Renomada fragrância de poesia" ou "Aroma da poesia maior". O nome (*Reika*) sugere na línguas japonesa, algo como um perfume que vai se espalhando pelo ar, cujo odor é a poesia. A tradução é difícil de se

\* Mestre em Teoria da Literatura pela PUC-RS; Doutorando em Literatura Brasileira pela UFRGS; Professor da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – Paraná.

fazer, pois não se refere ao perfume em si, mas ao contágio ou vibração que vai envolvendo as pessoas pelo encanto que a poesia emite (Osaki, 1993:2).

Em outubro de 1993, publica-se *Reika*, obra composta por haicais e tankas. Foi uma iniciativa de Nivaldo Lopes, que num trabalho de tipografia manual edita o quinto exemplar da sua editora *Ócios do Ofício*, e o terceiro da coleção Buquinista, da Fundação Cultural de Curitiba.

A respeito da poesia e da poeta Helena Kolody, Paulo Leminski, em seu artigo "Santa Helena Kolody", afirma que é a poeta mais moderna de Curitiba, de uma modernidade de quase oitenta anos, e salienta ainda que o texto de Helena é "algo na poesia, no processo, que me lembra o gaúcho Mário Quintana, retratando a mesma pureza, a mesma entrega, a mesma singeleza, a mesma santidade. Só que Helena é mais hai-kai: (Leminski, 1985:11).

No que diz respeito à forma poética de composição, o haikai, Helena Kolody assimilou muito bem essa forma de poesia. Segundo ela, foi através do *Jornal de Letras* e da correspondência com a escritora paulista Fanny Dupré, que teve conhecimento da poesia japonesa, em especial do haikai e da tanka. O haikai é uma forma de poesia japonesa, pequeno poema de três versos, com cinco, sete e cinco sílabas sucessivamente. Ele invoca uma singela e delicada impressão do mundo, da natureza, do homem, das plantas ou dos animais, às vezes com um refinado toque de lirismo de caráter melancólico ou nostálgico, outras, com um rasgo de ligeiro humor (Huizinga, 1990:138).

A tanka é um poema clássico japonês, composto por trinta e uma sílabas distribuídas em estrófes de cinco versos. O haikai e a tanka são formas de composição da arte japonesa, que revelam momentos "tensos e transparentes", "instantes de equilíbrio entre a vida e a morte. Vivacidade, mortalidade" (Paz, 1991:198).

Helena Kolody é uma poeta apaixonada pela linguagem. Faz do ato de escrever um "ofício constante", ou seja, sua poesia reflete um lirismo contagiante e contido numa linguagem expressiva que persegue constantemente um mesmo tema: a poesia. A arte poéticas kolodyana identifica-se com uma certa problemática recorrente na poesia contemporânea: a busca de criação de uma poesia sobre a poesia, a tentativa de elaboração de uma poética cada vez mais lúcida de si e capaz de revelar o poder das palavras.

*Saudades* (RE) é um haikai que tem por musa a natureza. O poema evoca um lirismo nostálgico, numa linguagem lúdica, metafórica e organizada, que se pode constatar em versos de puro "engenho" criativo:

Um sabiá cantou.  
Longe, dançou o arvoredo.  
Choveram saudades (p. 21).

Este poema de forma miniatural, tematiza a saudade e a natureza. O canto do sabiá, mesmo distante, é capaz de despertar o "canto" da poeta, em que ela transforma em palavras, esse "despertar inquieto", sua observação atenta à natureza, seu encantamento lúdico com a linguagem.

O haikai intitulado *Depois* (RE), com suas sílabas aliterativas e assoantes, aponta para a relação do homem com a natureza. O momento presente inquieta o eu lírico que sabe de sua situação enquanto "viajante das galáxias". A afirmativa do sujeito lírico é de uma originalidade singular:

Será sempre agora.  
Viajarei pelas galáxias  
Universo afora (p. 25).

A temática da transitoriedade do ser, faz-se presente nos versos do poema, situando o onde, o quando e o que do acontecimento poético. No haikai, *Desafio* (RE), o sujeito lírico declara:

A vida bloqueada  
instiga o teimoso viajante  
a abrir nova estrada (p. 35).

Nos versos do poema, percebe-se as ligações dos segmentos frasais, a sonoridade e o jogo de palavras. O texto mostra que é necessário vencer os obstáculos da vida, para "abrir novos caminhos". A estrada é símbolo de viagem e transitoriedade do ser que está sempre em busca de realizações.

A tanka *Sabedoria* (RE) mostra a temática do efêmero, da brevidade da vida, do tempo e da saudade. No poema salientam-se o exercício lúdico, as pausas dos versos, os acentos poéticos, as ligações dos segmentos frasais e o conteúdo das recordações do sujeito lírico, que inquieta-se perante a vida.

Tudo o tempo leva.  
A própria vida não dura.  
Com sabedoria,  
colhe a alegria de agora  
para a saudade futura (p. 60).

Há uma perfeita relação semântica entre os versos do poema, revelando que a vida é finita como as coisas que passam. O texto aponta para uma questão fundamental: o ser humano, como todas as formas de vida, tem um prazo a cumprir na existência terrena. Daí a necessidade de buscar com sabedoria "a alegria de agora", ou seja, urge cultivá-la, de maneira "plena", tendo em vista "a saudade futura".

Em *Os tristes* (RE), poema haikai, aparece de forma clara a inquietação do sujeito lírico enquanto questionamento:

Em seus caramujos,  
os tristes sonham silêncios.  
Que ausência os habita? (p. 33).

São versos revestidos de um lirismo singular. Salienta-se a temática da solidão, pois em "ausência" e "silêncios", os tristes sonham. A imagem do caramujo remete à idéia de isolamento e introspecção. No verso final, destaca-se a indagação do sujeito lírico.

*Alquimia* (RE), poema haikai, com seu caráter ideográfico expandido: 5-7-5 sílabas alternativas e assoantes, revela que a poesia pode ser pura alquimia:

Nas mãos inspiradas  
nascem antigas palavras  
com novo matiz (p. 25).

O poeta, inventor de formas e sentidos, é capaz de transformar em palavra "tudo o que toca". O poder das palavras "antigas" são lapidadas pela suas "mãos inspiradas", nascendo assim, "novas palavras". O torneio coloquial e semântico revela o poder de nomeação da linguagem. O poeta é capaz de síntese perfeita, baseando-se no jogo de palavras e no seu poder de revelação, pois seu texto convida à participação do leitor, com alto grau de comunicabilidade.

*Aquarela* (RE) é uma tanka que revela um grau máximo de comunicabilidade e lirismo. A poeta trabalha a linguagem numa dimensão pessoal e síntese perfeita, enfatizando paralelismos em oposição. Sua poesia busca o instantâneo e a integração da vida e da natureza. Leia-se o poema:

Sol de primavera.  
Céu azul, jardim em flor.  
Riso de crianças.  
Na pauta de fios elétricos,  
uma escala de andorinhas (p. 55).

A linguagem do poema é marcada pela surpreendente força lírica em que a poeta conjuga a relação do sentimento vital integrada à constante renovação cíclica da vida. Essa tanka é um hino de graça e louvor à vida. Os elementos da natureza se relacionam de maneira harmoniosa. No "coração do poema" destaca-se o verso "riso de criança", que simboliza a simplicidade natural, a espontaneidade.

A comunicabilidade na poesia kolodyana é essencialmente lírica, quase romântica, não fosse o revestimento lúcido, objetivo que surpreende o leitor, quer pela intensidade de conscientização por parte do sujeito lírico, quer pelo jogo de imagens, metáforas, palavras e versos portadores de um mundo de sentido em que o sujeito poético tenta dessacralizar as coisas, as circunstâncias.

A poesia kolodyana parece surgir como uma espécie de tradução da instabilidade interior provocada pelo desequilíbrio do mundo exterior. Ao penetrar no *coração da linguagem*, Helena faz da palavra seu instrumento, abrindo assim, múltiplas possibilidades internas da linguagem (a sonoridade, a ambigüidade de sentido, as associações criativas, a organização inédita de imagens, as variações temáticas, as alegorias e símbolos), abandonando regras e modelos, fazendo expandir seu lirismo subjetivo, inquietante.

No texto poético, observa-se uma luta incessante para atingir um estado original. Essa luta constante do sujeito poético com as palavras, é sinônimo de procura e indagação, na tentativa de retratar o ser humano como potencialidade, transcendência e plenitude que fascina e tortura o sujeito lírico. A poesia reflete a ânsia do ser e, ao mesmo tempo busca um preenchimento de paz, reconhecimento, poder e abandono.

A poesia kolodyana faz parte da experiência cotidiana e a transcende mediante a imagem poética a uma dimensão maior, que cria no leitor uma consciência de plenitude fora do espaço e do tempo. Na travessia de uma vida, as pulsões vitais, mente lúcida e sensível, que ordena as palavras e a linguagem, numa poesia que é experiência refinada, purificada pelo intelecto. Uma forma de auto-revelação, num constante recriar-se e recriar-nos, pois conforme Octavio Paz, a poesia "é um tecido de conotações, feita de ecos, reflexos e correspondências entre som e sentido" (1991:151).

A poesia sempre esteve além do tempo e das definições. A poesia de Kolody apresenta-se enquanto ato de amor à palavra, pois a poeta é apaixonada pela linguagem. A Autora opera em exercício de afetividade de quem sabe extrair o sentido afetivo pleno de suas experiências poéticas. Ao voltar-se a sua própria contingência, questiona-se, pois em sua poesia a inquietação aparece no nível temático enquanto signo, fazer poético, busca de sentido existencial e nostalgia inquietante. Sua poesia consiste em um esforço de situar as memórias para arrastá-las desde às origens, situando-a no lugar da palavra, no princípio, gênese e memória.

Suas imagens conseguem ser, ao mesmo tempo, simples e profundas, dizendo tudo com simples alusões. Seu versos distinguem-se por essa capacidade peculiar de sugeridos fenômenos imperceptíveis, como as lembranças, os sonhos, nostalgias e imaginação.

Os poemas kolodyanos revelam-se como uma ação da linguagem, momento da linguagem nascente e advento do mundo, que se ordena e unifica. Na palavra recriada na raiz da linguagem, a poeta Helena faz a história e está inserida na história, porque sua poesia enquanto inquietação, interroga, a um só tempo, os meandros da existência humana. Sua obra é significativa de uma poesia despojada e pura, em que uma exercitada consciência crítica lhe confere acenos exemplares. Sua poesia de extre-

ma simplicidade, clareza e lirismo, ocupa um lugar singularíssimo no panorama poético paranaense.

O lirismo aparece com uma força peculiar, visto que a poesia é de uma simplicidade marcante, envolta a uma linguagem coloquial e também metafórica, tratando da vida cotidiana, com todas as suas questões. O lirismo transparente reflete a problemática que envolve o ser humano e suas circunstâncias. Na poesia, percebe-se a exaltação intensa da vida e a indagação eterna do sentido da existência humana, construindo núcleos centrais da construção poemática.

Helena Kolody é um dos nomes mais significativos da poesia contemporânea paranaense. Sua personalidade humana e literária é marcante. Helena escreve de maneira transparente, clara e concisa. Sua obra vem percorrida por muitos sentidos, preocupação com a linguagem, respeito à palavra. É poesia de quem sente não apenas a evanescência do sentir. Mais do que isso, faz do sentir pessoal o reflexo de um sentimento socialmente refletido.

Os textos kolodyanos contêm uma visão carregada de transparência ao revelar que o fazer poético é capaz de comunicar uma profunda consciência do sentido da vida e dos limites humanos. É um "fazer poético" que se reflete enquanto questionamento, pois sua poesia é uma luta constante para atingir o estado original, mediante revelação e "inquietação de um ofício". A arte poética kolodyana identifica-se com uma certa problemática recorrente na poesia contemporânea: a busca de criação de uma poesia sobre a poesia, capaz de revelar o poder das palavras, pois conforme Paz, "o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador" (1982:31).

A trajetória poética de Helena Kolody é singular: mais de meio século de criação literária. Desde sua primeira obra, *Paisagem interior* (1941), a *Reika* (1993), sua poesia evolui no sentido de síntese reflexiva, concisão e alto grau de lirismo espontâneo, contido, numa linguagem revestida de amor à palavra, à vida, ao fazer poemático. Enfim, Helena é poeta apaixonada pela palavra e pela vida.

## Referências bibliográficas

- ATEM, Reinoldo. *Panorama da poesia contemporânea em Curitiba*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1990.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- KOLODY, Helena. *Paisagem interior*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1941.
- . *Música submersa*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1941.
- . *A sombra no rio*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1951.
- . *Vida breve*. Curitiba: SENAI, 1964.
- . *Era espacial*. Curitiba: SENAI, 1966.
- . *Tempo*. Curitiba: SENAI, 1970.
- . *Infinito presente*. Curitiba: Repro-set, 1980.
- . *Sempre palavra*. Curitiba: Criar Edições, 1985.
- . *Poesia mínima*. Curitiba: Criar Edições, 1986.
- . *Ontem agora: poemas inéditos*. Curitiba: SEEC, 1991.
- . *Reika*. Curitiba: Ócios do Ofício, 1993.
- . *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar Edições, 1988.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- . *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.